

Nós, documentaristas - Susanna Lira

00:51 – Susanna em off: A verdade é que fazer documentário foi uma maneira que eu encontrei de colocar ordem no meu caos e dar sentido a minha vida. Como eu sei muito pouco sobre a minha própria história, ir atrás da história dos outros me fez construir uma estrada pra mim. E filmar me coloca no mundo, nada me deixa indiferente. Cores, movimentos, pessoas, tudo me atravessa. Eu reconheço que há algo de mágico e intrigante no documentário porque nunca é o resultado do que eu quis fazer, mas acima de tudo é sobre o que o outro quis me dar. É o resultado de um encontro. E por isso o documentarista nunca deve ter medo de romper-se, deve sempre ser colocado em jogo e ser confrontado, o tempo inteiro. Eu encontrei nessa função de documentarista, uma forma de me relacionar com o mundo também, e refletir sobre o estado das coisas. E quando eu olho pros meus filmes eu vejo que está tudo ali. A minha revolta, a minha indignação, a minha compaixão. De uma certa maneira os filmes também espelham tudo o que eu sinto sobre o mundo.

01:57 - Susanna Lira: Eu conheci o documentário já na faculdade de jornalismo, quando eu tinha 17 anos. E o primeiro documentário que eu vi na vida foi o “Cabra marcado para morrer”. Naquele momento eu tive um impacto muito forte, porque eu estava fazendo uma faculdade de jornalismo, aquilo tinha algo de verdade, real, mas era muito diferente do que eu imaginava que eu pudesse aprender, e ser. E ali eu pensei, eu quero fazer isso, mas na época o cinema ainda era uma coisa muito difícil no Brasil, e eu tinha que realmente fazer um curso pra poder ganhar dinheiro, enfim, não podia me dar ao luxo de fazer cinema, mas eu fiquei com essa imagem na minha cabeça, e depois eu fui fazer telejornalismo, mas sempre querendo fazer documentário. Chegou o momento em que a notícia não me interessava mais. Só a notícia, não me preenchia. E foi assim que eu escrevi um projeto em um edital de documentário, ainda trabalhando como jornalista, e a gente ganhou esse edital. E a gente faz o primeiro filme, que é o “Câmera, close”, sobre o Zé Bonitinho. E assim eu começo a minha carreira de documentarista.

Voz off no filme: Assim como o Carlitos, assim como o Chacrinha, algumas figuras que preenchem alguns espaços do lúdico na gente. Apesar de eu não conseguir determinar o ponto onde eu começo a me lembrar do Zé Bonitinho, eu sei que ele faz parte de uma memória de infância pra mim e ele está ligado à minha região mais lúdica, às minhas

lembranças mais lúdicas. Eu acho muito bonito esse tipo de ator que cria um tipo e esse tipo se estabelece. Se fixa no imaginário das pessoas. É quase que mais que um personagem. É quase que uma região da cabeça, do coração das pessoas.

Susanna Lira: Uma questão da sociedade que me incomoda muito é como as pessoas são rotuladas. E eu sempre neguei muito isso, sou uma pessoa que fica botando o pé na porta em tudo que eu faço na vida. Quando eu comecei a fazer o “Câmera, close” era isso, um ator, que tinha 50 anos de um único personagem, já no fim da vida, fazendo uma reflexão sobre o que é viver, sobre esse rótulo de um único personagem. O Jorge era muito feliz com o Zé Bonitinho, o Zé Bonitinho deu muita alegria pra ele, mas também restringiu ele a este único tipo. E ele era um cara super talentoso.

Jorge Loredó no filme: Uma vez, eu conversando com um amigo meu, ele me disse assim: Loredó, o negócio é o seguinte, você tem que se conformar. Chaplin morreu fazendo Carlitos. Cantinflas morreu fazendo... Aliás, Mário Moreno morreu fazendo o Cantinflas. Oscarito morreu fazendo Oscarito. Mazzaropi morreu fazendo Mazzaropi. Você vai morrer fazendo o Zé Bonitinho. Aí, me conformei.

Susanna Lira: O “Câmera, close” quer fazer um pouco de justiça a isso, dando a possibilidade dele se mostrar de outra forma. No final no filme, o sonho dele é se apresentar no Teatro Municipal, fazendo uma mímica, como os grandes comediantes americanos. E a gente não tinha grana nenhuma pra isso, a gente pediu um favor pro Teatro Municipal de Niterói, enfim, a gente lutou contra a maré pra conseguir realizar o sonho dele, e foi realizado. É uma coisa meio, é isso, de querer fazer justiça também, sabe? Porque eu acho que as pessoas com quem eu trabalho, as coisas que eu faço têm a ver com isso. Tem a ver com tirar as pessoas daquele lugar em que a sociedade tenta colocar e restringir.

05:54 - Loredó cantando em inglês: Most any afternoon at five / We'll be so glad we're both alive / Then maybe fortune will complete her plan / That all began / With cocktails for two.

Susanna Lira: desde sempre os meus filmes têm esse recorte, do excluído, do marginal, do feminino, porque eu acho que sobre isso é importante falar. Então eu acabo falando das coisas que me inquietam mesmo. E o “Positivas” foi um marco na minha vida no sentido de eu começar a compreender o tratamento de AIDS, das mulheres que estão em situação de alta vulnerabilidade, por conta de quando propõe a camisinha pro marido, ela

apanha. Porque ele acha que ela está traindo o cara. Então no “Positivas” eu viajei 27 cidades no Brasil fazendo debates, e esse filme me ensinou muito sobre a vida e sobre o Brasil, sobre machismo, sobre misoginia...

Senhora no filme: Bom dia.

Homem off: Bom dia.

Senhora no filme: Desculpa os trajés, viu?

Susanna Lira: Eu comecei a pesquisa do filme, querendo conhecer essas pessoas a fundo, eu fiquei um ano frequentando o grupo “Pela Vida” e outros grupos de apoio a pessoas com HIV. E ao longo dessas conversas eu fui convencendo essas pessoas de que era importante falar disso mas ao mesmo tempo conscientizando de que era um risco falar. Me deparei com várias situações tipo, uma mulher que queria dar entrevista, mas ela queria no filme pra família inteira que ela tinha HIV e eu falei não. “Mas vai ser uma oportunidade das pessoas saberem” e eu falei “não, mas eu não posso fazer isso”. O filme traz uma exposição, traz um julgamento, esse filme vai passar no cinema, depois vai passar na televisão, e todo mundo que você conhece vai assistir isso, vai ser um impacto na sua vida. Esse filme é um milagre mesmo, sabe? Porque ele não tem uma linguagem cinematográfica da qual eu me orgulho, como filme, mas ele tem essa questão do encontro com essas pessoas, a cumplicidade que eu consegui ter com elas, a verdade com que elas falaram pro filme...

Mulher no filme: Michele!

Que linda, cabeluda!

Mulher 2: Deixa eu te dar um abraço, seja bem vinda... Oh bebê!

Mulher 3: Ei, criança! Que linda!

Mulher 4: Seja bem vinda! É um prazer te ter aqui com a gente. Deixa eu segurar o bebê? Que linda!

Susanna Lira: Uma coisa que as positivas me ensinaram, as mulheres, que é: nada sobre nós, sem nós. E eu nunca mais fiz filmes de outra forma. Algumas pessoas falam que o distanciamento do tema e do personagem é bom pro filme. Eu não sei, eu realmente questiono isso o tempo todo porque eu, por natureza, nem quero ter esse distanciamento.

Nem sempre você estar muito próximo você prejudica o filme. Às vezes você abre muitos horizontes, Muitas janelas, que você não abriria se não tivesse essa cumplicidade. Então acho que a ética é super importante neste sentido de você não trair nunca, jamais, o seu personagem. Nenhum filme é mais importante do que a vida de uma pessoa, do que a dignidade e a integridade dessa pessoa.

Renata Péron no filme: Os gays morrem por serem gays, as travestis morrem morrem por serem travestis e as trans morrem por serem trans. Hétero não morre por ser hétero. Então não me venha com essa história de dizer que é igual pra todo mundo, porque não é. Eu sofro agressão todos os dias na rua. Se não é xingando, se não é apontando o dedo, é no olhar. As pessoas não aceitam, não conseguem assimilar na cabeça que você tem que respeitar a pessoa por ela ser o que ela quiser ser.

Voz off no filme: Todas as travestis, mulheres transexuais, e homens trans que são assassinados todos os dias neste país.

10:45 - Voz off no filme: Sem a sua identidade reconhecida, sem o seu nome social respeitado, sem o corpo real enterrado, é por isso que nós estamos aqui.

11:23 - Voz off no filme: Sou mãe solteira com muito orgulho. A gente não quer ser vítima, mas também não somos vilãs desta história. A gente não quer ter a posição de dama, mas também não somos prostitutas, como a maioria dos homens dizem, porque não querem assumir seus filhos, alegam que a gente se envolveu com metade da população. Paternidade é direito, é cidadania, todos têm um pai, é direito do filho, não é nosso.

Mulher no filme: Todas as mães solteiras quando chegam aqui pra conversar, é um sofrimento. Porque todas elas têm histórias parecidas e diferentes, em muitos casos.

Mulher off no filme: Quando Ruth me procurou, e ela falou que o pai da criança havia prometido passear com ele, ele ficou aguardando, e o pai não apareceu, e a criança teve febre, adoeceu, e era uma criancinha, ele deveria ter na época uns 2 anos, 3 anos. Quer dizer, isso me dói.

Susanna Lira: Quando eu abri a produtora, a “Modo Operante Produções”, um dos primeiros projetos que eu comecei a fazer era um filme chamado “Nada sobre meu pai”, que até hoje não foi concluído. Que tem a ver com minha história pessoal. Eu não conheço meu pai, e eu comecei a pesquisar a ausência paterna no Brasil e cheguei a vários índices

e até comecei a fazer o filme. Viajei pelo Brasil, com vários projetos interessantíssimos sobre esta questão. E aí eu fiz séries sobre essa questão, fiz curtas, médias... Tem uma personagem, a Marli, que eu fiz várias coisas com ela, acho que fiz uns 5 filmes com a Marli, de tanto que eu me apaixonei pelo trabalho dela.

Marli no filme: Bom dia, Coronel Benício?

Coronel Benício, tudo bem?

Cel. Benício: Tudo bem, como vai?

Marli: Tá gravando, viu?

A gente veio aqui hoje pra tentar ver a paternidade do filho de Gleison. É um dos presos aqui, um dos detentos, que se encontra nessa penitenciária.

Susanna Lira: Essa questão do recorte feminino nos meus filmes, que é muito presente mesmo, ela tem um pouco a ver com a minha história de vida, sabe? Eu fui criada por uma mãe sozinha, eu tive uma avó muito forte, e são pessoas invisíveis, pessoas que ninguém nunca valorizou, não só na mídia, como na própria família. E isso é uma coisa que eu carrego, eu acho, em tudo que eu faço, que é tentar fazer justiça com pessoas que eu acho muito interessante.

Mulher no filme: Tem que ser abusada. Eu costumo dizer que não basta sambar, tem que ser abusada. Tem que ser enjoada, tem que ser. Sambar, todo mundo samba. Fazer um miudinho, todo mundo faz. Agora tem que ter um trejeito, um enjôo, um carão, uma ousadia, tem que ser diferente. Tem que ter a certeza de que, cheguei, sou eu e não tem pra ninguém.

Susanna Lira: “Damas do samba”, que é um filme altamente complexo, porque é um coral de mulheres falando sobre um assunto... Eu só queria dar visibilidade praquelas mulheres e contar a história do samba através delas. E dar conta disso já era muita coisa.

Mulher off no filme: Essas mulheres saem dos terreiros e vêm pras ruas e, com essa mesma força, movimentam o Brasil dessa maneira. E assim é certo de que, sem a mulher, não há samba. Isso tá no sagrado. Não está numa filosofia, nem em algo que estamos aqui de maneira racional falando. Isso está na essência da vida mesmo. E isso vem pro samba, forte. E que bom que vem pro samba forte.

15:17 - Susanna Lira: Essa questão do feminino, de dar protagonismo à mulher, nunca foi

uma bandeira, sempre foi uma necessidade quase biológica em tudo que eu faço. Mas eu acho maravilhoso que hoje a gente tenha pessoas realmente preocupadas com isso nos filmes. Que o filme tenha um posicionamento feminista, que esteja preocupado com essa construção do feminino, que não seja aquela coisa estereotipada, machista, misógina... Então eu acho muito bom. Pra mim sempre foi assim. Não tem como ter a mãe que eu tive e não ser feminista, por exemplo. E não protagonizar a mulher em tudo que eu faço, e não valorizar as mulheres que trabalham comigo, e dar protagonismo à essas mulheres também. Impossível seria tão antagônico, eu não tenho essa opção, sabe? De fazer ou não uma coisa feminista. Tudo é feminista. O fato de eu estar como diretora e fazendo, realizando, já é uma atitude política.

Clara Nunes off no filme: Toda pobreza da nossa família não era muito triste, porque era curtida pela viola do meu pai. Pela maneira boêmia dele encarar a vida.

Clara Nunes cantando: Catingueira fulora vai chover / Andorinha voou vai ter verão / Gavião se cantar é estiada / Vai haver boa safra no sertão / Se o galo cantar fora de hora / É mulher dando fora pode crer / A cauã se cantar perto de casa / É agora é alguém que vai morrer

Susanna Lira: Eu tenho uma história pessoal com a Clara Nunes, que eu gosto de falar que eu era, quando criança, de uma família evangélica. E eu não podia sequer ouvir a Clara Nunes porque era como se fosse uma coisa proibida. E poder fazer esse filme também, aí você fala “mas Clara não tem nada a ver com o seu passado”, tem super a ver. Esse mundo fundamentalista que me proibia de ouvir a Clara, eu pude fazer um filme sobre ela, e falar de intolerância religiosa, mesmo eu ainda sendo uma cristã - me considero uma pessoa cristã até hoje - de poder romper com isso, sabe?

Clara Nunes cantando: O mar serenou quando ela pisou na areia / Quem samba na beira do mar é sereia / A estrela que estava escondida / Sentiu-se atraída depois então apareceu...

Clara Nunes off no filme: Eu canto porque é a minha religião. Acredito e respeito. Nunca gravei um ponto verdadeiro. Se a religião que eu não exploro se transformou na minha marca, muito bem. Não me converti pra vender discos, mas por uma necessidade espiritual.

Susanna Lira: Desde que eu comecei a filmar, eu tenho pensado nessa coisa de filmar o

que não se vê, o que não existe mais. Filmar o que não existe. As imagens que faltam, sempre. E filmar a ausência e o lugar da falta é muito interessante, porque você pode preencher ele. Por exemplo, no “Mataram nossos filhos”, que foi um filme muito interessante, pra mim, pessoalmente, no sentido de que a gente estava falando de mulheres que perderam os filhos, e eu não queria falar da perda só, embora a gente estivesse versando sobre isso, eu queria falar dos jovens vivos que a gente estava perdendo. Então a gente preenche os espaços de ausência dos jovens que morreram quando a gente filmou o jovem jogando capoeira, jogando futebol... Mostrar aqueles jovens negros vivos no filme preenchia aquela ausência, ou aqueles corpos, pra mim foi a coisa mais importante que eu fiz.

19:09 - Eu venho realizando filmes há algum tempo e essa questão da forma, de se confrontar com o método que você trabalha e você querer fazer diferente, isso sempre é um fantasma bom, que sempre está ali. A gente vai fazer diferente agora, e tal. O “Torre” tinha uma questão, que é a que o lugar onde aconteceu, o lugar da prisão, não existe mais. E essa ausência dessa imagem me provocou um desejo e uma necessidade de criar um espaço de memória. E naquela época, no início da Comissão da Verdade, da Comissão da Anistia, se discutia muito o sítio de memória. que é uma coisa que o Brasil destruiu, a ditadura destruiu isso, apagou, como se pudesse apagar a memória do que aconteceu ali. E o “Torre” é um exercício dessa memória, quando a gente reconstrói a torre em estúdio como intervenção artística pra que aquelas mulheres voltem praquele espaço, é um dispositivo de resistência.

Mulher no filme: É preciso não ter medo. É preciso ter a coragem de dizer aos que têm vocação pra escravo, mas aos escravos, que se revoltam contra a escravidão. Não ficar de joelhos, porque é não racional renunciar a ser livre. O homem deve ser livre. O amor é que não se detém ante nenhum obstáculo e pode mesmo existir até quando não se é livre. E, no entanto, ele é, em si mesmo, a expressão mais elevada do que houver de mais livre em todas as gamas do humano sentimento. É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer.

Susanna Lira: Eu sinto que eu estou construindo a minha história ouvindo a história dos outros e dando visibilidade a essas histórias. E tem uma coisa no documentário que eu acho incrível que é, nunca é mérito só seu. Eu posso pesquisar, posso escolher as melhores câmeras, a melhor equipe... O documentário é o resultado do encontro, do que o outro

quer me dar. Então você pode sentar e fazer as melhores perguntas pra mim, se eu não estiver na disposição de te dar, de fazer isso junto com você, isso não vai acontecer. Isso nos dá uma humildade, nos coloca num lugar, que eu acho muito bom. E esse encontro é que é belo. Você se preparar, se preparar, ter a melhor equipe, tudo, e no final você se encontrar com aquele material humano, que é riquíssimo, que abre horizontes enfim. É a grande graça de fazer documentário.